

Ao bem do desporto e da Nação: relações entre esporte e política no Estado Novo português (1933-1945)

Maurício Drumond

Maurício Drumond

é doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer, da mesma instituição¹.

E-mail: msdrumond@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as relações estabelecidas entre o fenômeno esportivo e a política no Estado Novo português entre 1933 e 1945. Quais seriam as relações estabelecidas entre o regime salazarista e o esporte? De que forma teria seu governo agido em relação ao esporte e como este teria se enquadrado (e sido enquadrado) dentro da proposta de controle social engendrada durante o Estado Novo? Para melhor compreender essas relações, examino como o esporte foi utilizado como uma estratégia de produção de consenso, para depois observar as relações da mesma com a propaganda salazarista e com a imagem de Salazar. Por fim, levo a cabo um estudo de caso sobre um dos momentos mais significativos de ligação da imagem de Salazar ao movimento desportivo português: a inauguração do Estádio Nacional.

Palavras-chave

história do esporte; salazarismo; consenso

Abstract

This article aims at analyzing the connections established between the sport phenomenon and politics in the Portuguese New State between 1933 and 1945. What were the relations established between the Salazarist regime and sport? How did the government act in relation to sport and how did it fit (and was modeled) into the proposal of social control put forward in the New State? In order to better comprehend these connections, I examine how sport was used as a strategy for the production of consent and observe its associations to the Salazarist propaganda and to the image of Salazar himself. In the end I present a case study about one of the most significant moments of interaction between Salazar's image and the Portuguese sport movement, the opening of the National Stadium.

Keywords

history of sport; salazarism; consent

O Primeiro desportista de Portugal – é Salazar. [...] O chefe de uma nação é geralmente um atleta – porque para resolver os problemas que se lhe deparam tem de o ser. A firmeza de espírito, a decisão, a ponderação, o cálculo, a visão, o aprumo, o espírito de luta, a simplicidade – todos os predicados que se reconhecem e se aplaudam em Salazar, são predicados de um atleta. Para conduzir a nau, que é um país, nos mares revoltos, sob os céus toldados de tempestades, é preciso ser forte e ser um atleta. Não só os músculos definem o atleta: também e talvez mais ainda, o espírito, o cérebro e o coração. Por isso se pode dizer – se deve dizer – que Salazar é o primeiro desportista de Portugal.
Os Sports, 12 de junho de 1944².

Sob um primeiro olhar, Alberto Freitas, redator do jornal *Os Sports*, na epígrafe acima, utiliza-se de grande liberdade poética e retórica jornalística para associar Oliveira Salazar ao fenômeno esportivo. O momento é a inauguração do Estádio Nacional, em 10 de junho de 1944, e a comunidade desportiva portuguesa celebra o Estado Novo e sua relação com o esporte. Com uma imagem nada afeita ao movimento esportivo ou às questões do corpo de maneira mais geral, Salazar³ é reivindicado como o maior benfeitor do movimento desportivo nacional.

Além das evidentes vantagens da alusão a Salazar, especialmente por parte de um periódico integrante da engrenagem de propaganda do regime⁴, quais seriam as relações estabelecidas entre o regime salazarista e o esporte? Apesar do desapego de Salazar perante o tema – o qual o próprio Salazar reconheceu em discurso proferido em 1933⁵ –, de que forma teria seu governo agido em relação ao esporte e como este teria se enquadrado (e sido enquadrado) dentro da proposta de controle social engendrada durante o Estado Novo?

Este artigo busca, então, entender com que o esporte veio a ser mobilizado como uma das ferramentas de produção de consenso em relação ao regime salazarista⁶, no que Victoria de Grazia (2002) chamou de “cultura de consentimento”. Para a autora, essa “cultura”

seria referente ao conjunto de atividades e práticas de cunho cultural aparentemente despolitizadas, dentre as quais destaco aqui o esporte, organizadas por organismos estatais a fim de aproximar os indivíduos ao regime vigente. Dessa forma, o trabalho tem como objetivo analisar as formas de aproximação entre parte do povo e o Estado em Portugal, tendo o esporte como elemento mediador.

Outros autores apontam para um diferente modelo de utilização do fenômeno esportivo, no qual este seria uma útil ferramenta de distração do povo, que faria com que este se afastasse de questões políticas. Dentre esses é possível destacar Raymond Carr e Juan Pablo Fusi (1979: 153-163), que ao analisarem a realidade cultural da Espanha franquista da década de 1960, apontam para um panorama cultural que levaria à evasão da realidade imediata, ao afastamento completo das preocupações e interesses da política. A essa realidade Carr e Fusi chamam de “cultura de evasão”, um reflexo da ausência do Estado da produção cultural, deixando-a à mercê do interesse privado, interessado apenas no consumo e alheio a preocupações políticas ou intelectuais. O regime se beneficiaria, assim, de uma cultura politicamente inócua que produziria uma imagem de nação despreocupada e satisfeita, distraindo a população de questões pertinentes ao campo da política.

Pode-se perceber, dessa forma, que o esporte é um elemento plástico, utilizado como ferramenta de propaganda política, produtora de consenso e de uma imagem vitoriosa da nação. E, além disto, é visto e alimentado como fator de evasão, ainda que seja muito difícil medir sua efetividade em ambos os casos. Na verdade, mais importante do que medir tais elementos é compreender que ambas as abordagens perante o esporte coexistiram e influenciaram a adoção de políticas desportivas.

Essas são as questões que norteiam esse trabalho, centrado no período de construção do Estado Novo⁷, de 1933 a 1945. Para tentar respondê-las, utilizam-se uma série de artigos da imprensa portuguesa e documentos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, assim como palestras e discursos de membros das elites do campo esportivo e político do período e trabalhos contemporâneos sobre o tema em análise. Devido à incipiente produção acadêmica portuguesa na área da História do Esporte, são poucos os trabalhos disponíveis com o que este artigo possa dialogar, relacionando o esporte ao regime de Oliveira Salazar. Destacam-se entre estes os trabalhos de Domingos (2004), Serrado (2008) e Serrado e Serra (2010).

A fim de melhor compreender a relação estabelecida entre o regime salazarista e o esporte, este artigo se inicia examinando como a prática esportiva foi utilizada como uma estratégia de produção de consenso, para depois observar as relações da mesma com a propaganda salazarista e com a imagem de Salazar. Por fim, levo a cabo a análise sobre um dos momentos mais significativos de ligação da imagem de Salazar ao movimento desportivo português, a festa de inauguração do Estádio Nacional.

Salazarismo, Esporte e Consenso

A utilização política do esporte foi um fator comum a diversos Estados ao longo do século XX, não se limitando a regimes autoritários (Arnaud, 2002; Holt, 2002). No entanto, o modelo de intervenção estatal no campo esportivo adotado por regimes autoritários, especialmente pela Itália de Mussolini (Teja, 1998,; 2002) e pela Alemanha nazista (Kruger, 1998; 2002), tornou-se um modelo a ser adotado por diversos governos do período entreguerras que se aproximavam ideologicamente do fascismo, como a Espanha franquista (Aja, 1998; 2002) e o Estado Novo português.

Nesses regimes, o esporte apareceu como um importante meio de reforçar a coesão interna e alavancar o prestígio nacional, tanto interna como externamente. Ainda que de eficiência e atuação limitadas, essas práticas buscavam passar uma mensagem condizente com os valores e as aspirações dos regimes dominantes como “a disciplina, o respeito pelo adversário e pela lei, o trabalho persistente e o entusiasmo indefectível”, que seriam ensinados pelo esporte, de acordo com Salazar Carreira⁸ (1948: 17). Vê-se assim que o discurso produzido ao redor do esporte apresentava-o como um elemento que, como apontado pela teoria crítica do esporte (apud Vaz, 2006), reproduziria relações ideologicamente valorizadas pela sociedade burguesa, como a hierarquia, a obediência, a possibilidade de ascensão social, o sucesso, a eficiência, entre outros. No entanto, é necessário lembrar que ele serviria também como local de resistência e reivindicação.

É possível destacar dois âmbitos discursivos nos quais o fenômeno esportivo foi utilizado a fim de mobilizar parte da sociedade civil e aproximá-la das instituições do regime, como uma expressão da cultura de consenso: o esporte como ferramenta de aperfeiçoamento eugênico e cívico da juventude e como meio de controle social, em especial junto ao tempo de lazer dos trabalhadores. Em ambos os casos, a prática esportiva era posta acima do espetáculo, o que condizia com o principal foco dos poderes públicos para com o mesmo. O esporte era assim visto e defendido como um meio de saúde e educação, ou seja, como uma prática essencialmente amadora, mais próxima à educação física do que ao espetáculo competitivo. Mas como esses discursos sobre o fenômeno esportivo se enquadravam com as instituições estatais criadas como meio de mobilização da sociedade civil?

No primeiro caso, como uma ferramenta de aperfeiçoamento eugênico e cívico da juventude, o esporte era visto como um elemento essencial de todo o processo educacional. Começando pela ginástica e encerrando-se no esporte, a Educação Física seria o grande impulsionador para uma juventude mais sadia e forte, que formaria a nação forte do futuro. No caso português, era corrente a imagem do povo como fraco e decadente, e seria apenas através da atividade física que se daria a regeneração da “raça portuguesa”. Isso é corriqueiramente observado nos discursos produzidos ao longo das décadas de 1930 e 1940, como no caso das palavras de Durão Ferreira, Secretário-Inspetor da Mocidade Portuguesa, proferidas durante a 1ª reunião de seus dirigentes, em outubro de 1937:

(...) em relação aos portugueses, temos ainda que fazer urgentemente uma revalorização da raça pelo combate sem tréguas a todas as causas da nossa decadência física, desde a hereditariedade teratológica até ao baixíssimo nível de vida dos portugueses.

Racismo? Não. Simplesmente aperfeiçoamento de uma raça que, pelos seus abusos e desregramentos, esqueceu quanto devia em homenagem e perfeição ao seu Criador (Ferreira, 1938: 19).

O esporte assumiria então uma função regeneradora da juventude, e seria através de sua prática que Portugal iria construir seu futuro vigor, um povo forte e viril, característico do novo governo do Estado Novo. A prática desportiva seria, assim, de interesse estratégico do Estado, que deveria amparar – e para alguns até mesmo controlar – a atividade física nacional.

Apesar de já estar prevista a prática de ginástica e de esportes na educação portuguesa desde a I República, esta não era regulada e seus profissionais pecavam pela falta de formação. Apesar do discurso produzido pelo Estado Novo de apoio ao desporto, a situação segue sem maiores mudanças até o início da década de 1940, quando o Estado

português passa a desenvolver uma política desportiva mais ativa, conforme nota Ricardo Serrado (2010: 251). Tal fato fica evidente nas palavras de Álvaro Frade, dirigente da Mocidade Portuguesa, em 1942:

302

O ensino infantil, apenas particular, e o primário não dispõem de professores habilitados para dirigir os jogos e exercícios próprios do primeiro período de atividade física. Ao primeiro contacto da Mocidade Portuguesa com a escola primária provou-se exuberantemente aquela deficiência. Os pequenos, um grande número dos quais exibia mazelas físicas exteriores, eram presos, desatentos, hesitantes, tristes.

(...)

No último escalão escolar, o universitário, a educação física não tem qualquer consideração oficial. (...) O nosso desporto universitário vive sem amparo moral suficiente, sem instalações, sem recursos. O pouco que consegue fazer é produto de muita energia despendida por alguns estudantes mais dedicados que não hesitam em esmolar colaborações (Frade, 1942: 10-11).

A Mocidade Portuguesa (MP) desempenhava um papel fundamental na política desportiva nacional. Criada em 1935, sob inspiração da *Opera Nazionale Balilla* italiana e da Juventude Hitlerista alemã, a organização portuguesa deveria abarcar todos os jovens, estivessem estes na escola ou não. A MP teve, desde suas origens, uma profunda ligação com o esporte, sua principal ferramenta para a revitalização do povo português. Imbuída de atividades físicas e desportivas desde seus primórdios, a organização teve como seu primeiro Comissário Nacional Francisco José Nobre Guedes, secretário-geral do Comitê Olímpico Português desde 1919.

Nobre Guedes era um grande defensor da educação física e dos esportes como o principal meio de regeneração do povo português, sendo para ele uma das principais funções da MP (Mocidade Portuguesa, 1938: 9). Seria através da prática de atividades físicas, dentre as quais os esportes eram destacadamente a de maior popularidade, que o novo homem português poderia surgir. Um novo homem saudável, oposto à raça que vinha definhando e que era vista como um resultado da I República que o Estado Novo buscava suplantiar.

Um indicador da importância do esporte para o funcionamento da Mocidade Portuguesa pode ser observado através do exame de seu orçamento de 1938⁹. Neste, 14% do orçamento previsto para aquele ano era destinado ao esporte (9% para a compra de materiais desportivos e 5% a título de “Instrução Especial”, ou instrução desportiva), sendo superado apenas pelo montante destinado às comemorações do XII aniversário da chamada Revolução Nacional, o 28 de maio, que contaria com 30% do orçamento (15% para o evento em si e 15% como donativos, constituídos de fardamentos gratuitos para o desfile na parada). O mesmo documento informa que o orçamento acabou por não ser cumprido devido aos altos gastos com a comemoração cívica, que teria abarcado mais da metade do orçamento daquele ano. Ainda assim, a previsão de gastos mais elevados com o esporte do que com “Educação Literária e artística e propaganda” (que contava apenas 10,3% do orçamento, divididos entre “exposições e prêmios”, com 0,75%, “Publicações”, com 6,8%, “Intercâmbio”, com 1%, “cinema”, com 1,25%, e “radiodifusão”, com 0,5%), por exemplo, é um importante indicador da importância do mesmo para a organização.

O desporto aparece assim como um dos pilares de sustentação da Mocidade Portuguesa, dentro de suas características educativas e eugênicas, priorizando-se a ginástica nos ciclos mais básicos da educação e a prática desportiva para seus membros mais velhos,

que realizariam assim competições de diversas modalidades desportivas, como futebol, natação, remo e hipismo, além de exibições de ginástica. Eram também realizados campeonatos nacionais universitários envolvendo representantes de Lisboa, do Porto e de Coimbra, envolvendo disputas de futebol, atletismo, tiro, hóquei sobre patins e outros¹⁰. Em 1942 foram também organizados encontros com a *Jeunesse Française*, disputando-se provas de atletismo, basquete, esgrima e natação¹¹.

303

Até mesmo entre as mulheres, na Mocidade Portuguesa Feminina, o esporte vai desempenhar papel relevante, ainda que com função específica, dentro do papel que se esperava que as mulheres desempenhassem no Estado Novo, como ressalta um folheto da organização publicado pelo Secretariado de Propaganda Nacional:

A Educação Física, na M.P.F., tem dois fins: – concorrer para a saúde das filiadas e até – porque não? – para as tornar mais belas, daquela beleza sem artifícios que possui um corpo em que as atitudes e movimentos são correctos; – desenvolver certas qualidades de carácter que os jogos e desportos dão ocasião de praticar.

A Mocidade Portuguesa Feminina só condena na educação física os exageros prejudiciais. Não quer as suas filiadas tão desportivas que percam a sua graça feminina; nem cuidando tanto do corpo que se esqueçam que têm uma alma (Mocidade Portuguesa Feminina, s.d.: 39-40).

É necessário aqui atentar para o carácter mobilizador do esporte. Além da preparação física da juventude, este exercia um grande atrativo para a atuação dos jovens junto à organização. Com a ginástica sendo priorizada frente ao esporte nas escolas, a Mocidade Portuguesa era um dos espaços privilegiados para a prática de atividades físicas. Dessa forma, o esporte acabou por se tornar uma das principais estratégias de atração da juventude para a Mocidade Portuguesa, aproximando-a do regime. Ainda que Joaquim Vieira (2008: 167) afirme que “[n]o ambiente das atividades desportivas da MP, a atmosfera era despolitizada, desprovida de proselitismo”, a participação ativa dos jovens nas organizações estatais da juventude do Estado Novo era em si o tipo de participação política almejada pelo governo. O esporte, assim, atuaria tanto na produção de consenso, quanto como uma ferramenta de evasão.

A mesma questão se faz presente quanto à importância do fenômeno esportivo junto ao segundo aspecto referido anteriormente, o do esporte como meio de controle social do tempo de lazer dos trabalhadores. Foi nesse sentido que o Estado Novo criou, à luz da *Opera Nazionale Dopolavoro* italiana e da *Kraft durch Freude* alemã, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT), em 1935. A organização estatal responsável pelo tempo livre dos trabalhadores organizava colônias de férias, passeios, excursões, conferências, eventos de música e teatro, sessões de cinema educativo, programas de rádio, bibliotecas populares, cursos variados e diversas outras atividades, nas quais se destacavam as relacionadas ao esporte (Valente, 1999: 44), sendo destacada por Luís Reis Torgal (2009) como um dos principais órgãos de propaganda do Estado Novo.

Com o discurso de “mais gente nos campos e menos nas bancadas” (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1945: 15), a FNAT dizia buscar o aperfeiçoamento físico dos trabalhadores portugueses através da prática do esporte e da ginástica, a fim de torná-los mais dispostos e produtivos. Ao mesmo tempo em que utilizava o discurso de que a prática desportiva estaria contribuindo para tornar o trabalhador português mais saudável e eficiente, apontava-se também a função do esporte como aliviador das tensões do trabalho e como um meio de evasão para os trabalhadores que evitaria conflitos trabalhistas.

É justamente o caráter de controle do tempo lazer do trabalhador que se imprime como um dos principais fundamentos da FNAT, e o esporte aparecia assim como elemento importante de mobilização dos trabalhadores junto à entidade. Como apontado no regulamento de um campeonato de pingue-pongue, “a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (...), por intermédio da sua Comissão de Ginástica e Desportos, emprega a educação física como meio de distração útil do trabalhador português” (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1942: 3). A prática esportiva, para a FNAT, seria uma “distração útil”, na medida em que o trabalhador estaria ainda sob a égide do Estado, mesmo em seu tempo livre.

Tendo em vista atrair um maior número de filiados a seus Centros de Alegria no Trabalho ou aos Centros de Recreio Popular, a FNAT organizava diversos torneios desportivos. Para os esportes que necessitassem de técnicas especializadas, como o atletismo, foram organizados centros de treinamento com instrutores especialmente formados para o trabalho na fundação. Da mesma forma, ela cedia seus campos para trabalhadores que buscassem praticar esportes como futebol e basquete, que não requeriam treinamento especializado (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1945: 16-17). A prática desportiva funcionava, assim, como um mecanismo importante de aproximação dos trabalhadores da FNAT.

A FNAT começou a realizar campeonatos desportivos corporativos em 1940, com um torneio de tiro. A esse seguiram, nos anos posteriores, competições de futebol, basquete, voleibol, natação, pingue-pongue, ciclismo (a partir de 1946), tração de corda e atletismo, em suas diversas modalidades (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1949). A partir deste primeiro torneio de tiro, no qual 201 atletas de 23 grupos participaram, as competições foram se expandindo. Em 1941, com campeonatos de tiro, futebol e natação, somaram-se 691 atletas. Em 1945, o número chegou a 2.665 trabalhadores, disputando sete modalidades (tiro, atletismo, basquete, futebol, natação, pingue-pongue e vôlei). O futebol reproduzia aqui sua força como o esporte mais popular do país há décadas. Em 1941 ele era responsável por 63,4% das inscrições em competições da FNAT, com 438 participantes. Já em 1945, com a maior diversificação dos campeonatos desportivos, o futebol é responsável por 41,6% dos participantes, envolvendo 1.108 trabalhadores (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1949).

A ginástica foi também uma importante prática para a FNAT, que lhe atribuía um caráter “utilitário e educativo” (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1949: 60), uma vez que esta tinha “[a] tarefa de aperfeiçoar a condição física de um povo e de, simultaneamente, criar trabalhadores mais competentes e produtivos” (Domingos, 2004: 308) através da melhor preparação física dos mesmos. Entre dezembro de 1940 e junho de 1944, grupos de ginastas da FNAT já haviam realizado 12 desfiles em festas e cerimônias, incluindo o 1º Festival de Ginástica, no Parque Eduardo VII e a inauguração do Estádio Nacional, em 1944 (Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, 1945: 12 e 36).

O esporte era um importante elemento de mobilização nacional, mas não aparece, entretanto, como uma das principais estratégias de propaganda política do Estado Novo. Talvez pelo aparente distanciamento dos dois nomes chave da propaganda salazarista do período em questão, António Ferro e o próprio Salazar. Mas, ainda que não fosse mobilizado de forma regular pelas altas esferas do Poder Público, o fenômeno esportivo não foi estranho à política de propaganda que se solidificou durante esta primeira fase do Estado Novo.

Salazar e o Esporte

305

Circunspecto e reservado, António Oliveira Salazar mantinha uma imagem de contraste com o ideal desportivo. Professor catedrático de Coimbra, visto como grande guia da nação, o presidente do Conselho de Ministros era percebido como um homem ligado ao intelecto, opondo-se às questões do corpo. Sua figura personificava um tipo característico de homem português que se buscava forjar em seu novo Estado: um cristão devoto, filho de camponeses, simples e trabalhador. Não era visto como um homem próximo ao povo, mas como um pai austero, rígido e disciplinador, que cuidaria do futuro de sua família, a nação (Paulo, 1994).

Com o distanciamento de Salazar, não é surpreendente que o esporte não aparecesse entre as prioridades da propaganda do Estado. Além disso, António Ferro, homem forte da propaganda salazarista do período (Ramos do Ó, 1992, 1999; Paulo, 1994), apesar de se aproximar ideologicamente da propaganda fascista italiana, não demonstrava o mesmo interesse pelo esporte do que sua congênera. Ferro, homem modernista, criou sua “política do espírito” embasando-se nas artes e na cultura popular. Mas Ferro não era alheio ao fenômeno esportivo, como Salazar. Além de ter exercido a presidência da federação Portuguesa de Tênis entre 1941 e 1946¹², o diretor do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) havia sido enviado pelo jornal Diário de Notícias para acompanhar a seleção de futebol portuguesa durante os Jogos Olímpicos de 1928, em Amsterdã. Como enviado literário, Ferro demonstrava, por vezes em tom de surpresa, reconhecer um forte poder simbólico nacionalista advindo da equipe nacional. No primeiro confronto de Portugal, contra a seleção nacional do Chile, declarava com seu peculiar estilo literário:

Tarde primaveril, tarde azul, tarde portuguesa que os nossos jogadores trouxeram na bagagem juntamente com a nossa bandeira... No Estádio há vinte mil pessoas, vinte mil almas – almas de todas as raças – que pensam em Portugal, que têm olhos voltados para nós, que se lembram da nossa situação no mapa, que reconhecem a nossa independência na independência da nossa equipe... O desporto internacional é uma grande lição de geografia que os governos deviam compreender e estimular. O Estádio de Amsterdão, durante os Jogos Olímpicos, é um mapa animado e vivo, que entra pelos olhos, que se comunica à epiderme.¹³

Tomado pelo sentimento nacionalista que o jogo despertava, António Ferro comparava o futebol a uma guerra. E ao sofrer o primeiro gol do jogo, o literato declarava: “Sofro, sofro intensamente. Aquela bola, tombada ao canto da rede, aflige-me como um cadáver português em terra estrangeira”¹⁴. A vitória ao final do jogo contra o Chile fazia-o aludir a um milagre da raça portuguesa. Em referência a momentos chave da identidade nacional, Ferro escreve:

E é então que se dá o milagre, o milagre eterno da nossa raça, o milagre de Aljubarrota, o milagre da «Ilustra Casa de Ramires», o milagre da vitória que nasce da própria derrota, que nasce do amor próprio, do orgulho da nossa raça, que nasce da nossa alma que pôde sempre mais do que o nosso corpo!! (...) Aljubarrota, sim! E Alcacer-Kibir?¹⁵

No entanto, mesmo com todo o entusiasmo mostrado por António Ferro durante seu acompanhamento dos jogos da seleção portuguesa nas Olimpíadas, a presença do esporte na propaganda nacional portuguesa sob o seu comando foram raras e esporádicas. Como Angela Teja (2002) e Pierre Arnaud (2002) argumentam, o esporte seria uma grande ferramenta de propaganda nacional quando este fosse vitorioso. Dessa forma, o sucesso no campo desportivo seria refletido como um sucesso do regime político vigente e uma demonstração da força da nação. No caso português, a fragilidade das representações

esportivas nacionais frente a seus rivais europeus, especialmente no futebol, o esporte mais popular, pode ter sido um entrave à sua utilização como ferramenta de propaganda.

306

O maior exemplo dessa fragilidade viria em 1934, em um jogo pela eliminatória para a Copa do Mundo de futebol que seria disputada no mesmo ano, na Itália. Portugal e Espanha disputavam uma vaga e realizariam dois jogos, sendo o primeiro em Madrid. A confiança no meio jornalístico transparecia e armou-se um grande sistema de transmissão radiofônica do jogo organizada pelo Diário de Notícias para os maiores centros do país. No entanto, uma derrota por 9-0 acabou com o sonho português de participar do certame mundial e demonstrou a difícil realidade do futebol português.

É provável que a falta de perspectiva de bons resultados internacionais tenha exercido grande influência na ausência que o esporte teria do cerne da propaganda política nacional entre 1933 e 1945. Sem obter vitórias significativas dentro do campo, ele não poderia ser representado como um símbolo do desenvolvimento e do sucesso da nação e do regime. Seria apenas durante a década de 1960, com as vitórias internacionais do Benfica e a projeção da seleção portuguesa de futebol, que esta modalidade esportiva passaria a ser vista como um dos “efes” da propaganda Salazarista¹⁶. Isso, no entanto, não significou que o esporte, e muito menos o futebol dentre os outros, ficasse completamente ausente da propaganda oficial no Estado Novo, como observaremos adiante.

Mesmo com todo o distanciamento de figuras chave do Estado perante o esporte, seria equivocado acreditar que este se manteve afastado do centro do poder. Se Salazar não via grande importância no esporte para seu projeto político, os líderes do campo desportivo certamente não compartilhavam de sua impressão. Ainda em processo de consolidação, os agentes deste campo viam na aliança com o novo regime que se formava um importante meio de financiamento e promoção do movimento desportivo em Portugal.

O primeiro movimento na direção de aproximar o esporte de Salazar se deu com o “I Congresso de Clubes Desportivos”, organizado por iniciativa de Raul de Oliveira, diretor de *Os Sports*, e organizado por seu então bissemanário jornal. Realizado entre 26 de novembro e 3 de dezembro de 1933, o evento reuniu as principais lideranças desportivas portuguesas, entre dirigentes e jornalistas. O evento deixava evidente a necessidade de se ressaltar as possíveis relações entre Estado e esporte, o que transparece no título de algumas de suas teses, como “Auxílio do Estado às organizações desportivas – Criação de parques desportivos municipais e nacionais”, “A entidade superior da organização desportiva e as suas relações com o Estado” e “Isenção de direitos sobre os artigos de desporto destinados aos *clubs* coloniais”.

Em seu discurso na cerimônia inaugural, transcrito pelo *Diário de Notícias*, Raul de Oliveira menciona diretamente a importância que o esporte teria para o novo projeto de nação que se implementava com Salazar:

O sr. Ministro da Instrução tem que velar pela educação do povo. Para isso, precisa de escolas, mas precisa, também, de estádios, piscinas, e ginásios. Porque no dia em que Portugal tivesse uma população média de sábios e uma minoria de homens válidos para a luta em campo raso, a Pátria estaria irremissivelmente perdida.

O sr. Ministro da Guerra, a quem está confiada a missão sacrossanta de defender a Pátria, precisa de homens fortes, são, destros, acostumados à luta, apetrechados da coragem que só a consciência na própria força pode dar. Esses homens encontrá-los-á nas fileiras desportivas.

O sr. director do Secretariado de Propaganda Nacional tem a seu cargo a propaganda do País e a valorização de todas as iniciativas, dentro e fora das fronteiras, e o desporto nacional constitui uma força de propaganda capaz de atingir os mais latos objectivos.

307

Ao sr. Presidente da República, Chefe de Estado, supremo magistrado da Nação, interessa que o Povo seja forte, para que continue a cumprir a sua missão civilizadora e a afirmar a vitalidade duma raça que soube dar leis ao Mundo e que terá de marear sempre o seu lugar no concerto das nações¹⁷.

O discurso era uma interlocução direta com figuras ilustres do governo que ali se encontravam. A cerimônia inaugural do evento contou com a presença do Presidente da República, general Oscar Carmona, e com os ministros da Guerra, Luiz Alberto de Oliveira, e da Instrução Pública, Alexandre Alberto de Sousa Pinto. Apenas António Ferro, diretor do Secretariado de Propaganda Nacional não se encontrava presente, mas enviara Augusto Cunha como seu representante.

Raul de Oliveira procurava demonstrar as duas vertentes nas quais o esporte poderia ser útil na formação do Estado Novo: na formação eugênica da juventude, que criaria um povo forte e saudável, e na propaganda nacional. A questão eugênica era, por sinal, o principal argumento dos defensores de uma maior participação do governo junto ao esporte. Raul Vieira, então presidente da Federação Portuguesa de *Football Association* (FPFA), em sua tese apresentada no congresso – publicada no ano seguinte – argumentava: “Toda despesa dispendida no aperfeiçoamento de sua constituição física [da nação] deve ser considerada productiva, porque um país será tanto mais forte quanto mais robusta fôr a sua raça” (Vieira, 1934: 9).

No entanto, a oficialização do esporte em Portugal viria a ocorrer apenas em 1942, com a criação da Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar (DGEFDSE). Criado em setembro de 1942, o órgão tinha por objetivo “orientar e promover, fora da Mocidade Portuguesa, a educação física do povo português e introduzir disciplina nos desportos”¹⁸. A DGEFDSE buscava impor o controle estatal especialmente sobre os clubes e associações da sociedade civil, que até então se encontravam à margem do poder estatal, ainda que fossem, em sua grande maioria, alinhados à política do regime. Além de ter como um de seus objetivos “introduzir disciplina nos desportos”, a área de atuação da DGEFDSE não incidia sobre a MP e a FNAT, que mantinham controle sobre o esporte juvenil e corporativo¹⁹.

A Direcção-Geral atuaria assim como o braço oficial do governo sobre a organização desportiva nacional. Seria a intervenção pela qual diversos agentes do campo desportivo clamavam no congresso de 1933, ainda que não da forma como muitos imaginavam. Logo após a criação da entidade, o jornal *Os Sports* evidenciava essa discordância, colocando-se ao lado da proposta do governo, afirmando que enquanto os grupos dirigentes do campo esportivo buscavam uma entidade formada por seus representantes, o Estado optara, muito acertadamente na opinião do redator, por um organismo imposto pelo próprio, com “autoridade inquestionável”²⁰.

Com a DGEFDSE, o Estado passou a tentar impor sua visão do esporte sobre os clubes e outras associações. Isto é, o desporto seria visto essencialmente como uma ferramenta educacional e fundamentalmente amador. O discurso produzido acerca da prática desportiva buscava se referenciar na função social de preparação das gerações futuras e apontava a prática desportiva como elemento fundamental neste processo. Assim, seria somente através do amadorismo que a função educativa do esporte se realizaria.

Percebe-se assim que o Estado Novo português, em sua fase de construção, não foi estranho ao esporte como meio de propaganda e doutrinação. Ainda que o estabelecimento de uma relação mais direta entre esporte e Estado não fosse constantemente estabelecida, em momentos específicos tal analogia foi explicitada, especialmente em momentos de festa esportiva, como veremos no caso a seguir.

308

A Imagem de Salazar e o Estádio Nacional

Como encerramento do Congresso de Clubes Desportivos, em 1933, foi organizada uma grande parada de desportistas e ginastas que acompanhariam até o Terreiro do Paço uma comissão designada pelo evento, que levaria a Salazar as deliberações do congresso, apresentadas como sugestões e aspirações dos desportistas portugueses. Reunidos na rotunda onde era finalizada a edificação do monumento ao Marquês de Pombal, milhares de pessoas, entre atletas e crianças, desfilaram até a Praça do Comércio, no dia 03 de dezembro de 1933²¹.

Salazar recebeu os representantes do congresso em seu gabinete no Ministério das Finanças. Esses, juntamente a todas as resoluções aprovadas no congresso, apresentavam como principal pedido, a construção de um Estádio Nacional. Ao fazê-lo, justificavam seu pedido ressaltando a importância política que o mesmo teria para a nação:

sob o ponto de vista das relações internacionais, pelo que o desporto contribui para a aproximação entre os povos e como factor importantíssimo da propaganda de uma nação, citando-se, a exemplo o que tem feito na Checo Eslovaquia, com a obra do «Sokols», na Suecia, na Holanda, na Belgica, no Uruguai, na Italia, etc.²²

Depois de escutar os delegados do congresso e de receber suas considerações em um documento oficial, Salazar se dirigiu à multidão que aguardava sua já programada resposta ao microfone na Praça do Comércio. O chefe de governo termina seu discurso com uma promessa dirigida a todos os desportistas do país:

Eis porque muito bem compreendo o vosso sentir, as vossas aspirações, e porque creio, tanto como no ressurgimento da nossa Pátria pelas virtudes da vossa mocidade, na realização, metódica mas certa, das que me são agora presentes. E porque a primeira de todas é a construção do Estádio Nacional, regozijemo-nos, porque teremos em breve o Estádio Nacional! (Salazar, 1935: 271).

Onze anos depois, o Estádio Nacional estava sendo inaugurado, em uma das maiores festas oficiais realizadas no Estado Novo²³. Na maior ode desportiva ao regime, não se pouparam elogios a Salazar e à sua contribuição ao esporte. Em plena Segunda Guerra Mundial e atravessando os racionamentos e outras dificuldades dela provenientes, o governo executava uma grande cerimônia cívica para entregar o que era visto como a maior contribuição de Salazar ao esporte. E mesmo onze anos depois, sua promessa não fora esquecida (na realidade, ela era constantemente mobilizada pela imprensa desportiva²⁴):

Como sempre, a promessa cumpriu-se. E a maravilhosa criação, dirigida pelo saudoso ministro Duarte Pacheco, dá-nos motivo de legítimo orgulho porque, uma vez completadas as obras do plano geral – o nosso Estádio será o mais completo da Europa. É sóbrio e grandioso – é, sobretudo uma realização portuguesa, com materiais portugueses, sem copiar em nada o que existe no estrangeiro.²⁵

A festa do esporte tornou-se assim uma festa de Portugal. A grandiosidade do evento pode ser vista pelos números que envolveram sua preparação. O Grêmio dos Industriais de Transportes em Automóveis, um dos diversos responsáveis pelos transportes exclusivos para o evento²⁶, expôs em seu relatório que utilizara 101 autocarros e 161

taxis para transportar 23.517 pessoas do público presente, além de 112 autocarros para o transporte de 15.136 atletas no dia do evento²⁷, contando, além disso, com 3 estacionamentos para carros particulares. O estádio, que ficou lotado, podia receber cerca de 50.000 espectadores, mas a estimativa oficial era a de que a presença de pessoas, entre público e atletas, foi em torno de 60.000 pessoas²⁸.

309

As ruas nos arredores do estádio (entre o Cais do Sodré e a Cruz Quebrada) foram interditadas das 13:45 às 16:30 e das 18:45 às 22:15, com tráfego restrito a transportes autorizados pela organização do evento, e os estabelecimentos de comércio e indústria de Lisboa se encerraram excepcionalmente às 13:00²⁹. A Mocidade Portuguesa comunicou a seus filiados que iriam se apresentar no evento que estes deveriam se retirar do estádio “imediatamente após o ato inaugural”, para que retornassem para suas casas, devido ao grande número de pessoas que transitaria pelo local após o jogo de futebol³⁰. Os ingressos postos à venda para o público se esgotaram no primeiro dia de venda³¹, e a procura por ingressos por parte de autoridades e outros órgãos do governo junto ao SPN levaram António Eça de Queirós, sub-diretor do Secretariado e responsável pela distribuição dos bilhetes de cortesia, a comentar:

É evidente que no enorme, direi mesmo, no prodigioso assalto que me foi feito e aos meus serviços para serem dados convites me vi em muitos sérios embaraços para que o meu duro e delicado trabalho não fôsse desequilibrado por completo³².

O evento tornara-se maior do que o esporte, tornara-se um símbolo de Portugal sob a égide de Salazar, que conduzia a nação em paz, em meio à guerra que assolava a Europa. Esse caráter fica evidente no discurso que António Ferro pronunciara através dos microfones da Emissora Nacional, afirmando que “a inauguração do Estádio ultrapassa os limites de uma simples festa desportiva, para atingir um significado mais alto e mais vivido”, e que “A festa da inauguração do Estádio não é apenas, portanto, a grande festa do esporte nacional, mas acima de tudo, a apoteose de Portugal Novo, a confiança no dia de hoje e a certeza do dia de amanhã”³³. E, de fato, a festa de inauguração foi uma grande parada cívica a celebrar o regime e o auspicioso futuro do país sob o comando de Salazar.

Contando com a presença de Salazar e Carmona no estádio, a festa se iniciou com desfile ginástico da Mocidade Portuguesa, no qual milhares de jovens saudaram as autoridades de braço ao alto e depois realizam demonstrações de exercícios atléticos. Seguiu-se a isso a disputa de corridas de 100 e 800 metros entre atletas federados a clubes da capital, ambas vencidas por representantes do Sporting Club de Portugal. Inicia-se então um desfile de moças da FNAT e na sequência um com atletas das diversas modalidades dos clubes da capital e adjacências. Estavam presentes atletas de hipismo, com suas casacas vermelhas, calções brancos e altas botas negras, de tiro, com suas armas debaixo do braço, de esgrima, de sabres em punho, assim como de futebol, tênis, remo, natação, automobilismo, vela, atletismo, rúgbi e outros mais, todos uniformizados de acordo com a prática do seu esporte³⁴.

Depois dos desfiles, um atleta leu ao microfone uma mensagem para os chefes de Estado e de Governo. Ao presidente Oscar Carmona, um agradecimento mais contido:

Senhor Presidente da República: São para Vossa Excelência, símbolo da Pátria ressurgida, modelo de todos os homens bons de Portugal, as nossas primeiras saudações. Sem vós, sem a continuidade da Revolução, não teria sido possível o nosso ressurgimento, não teria sido possível, portanto, a construção do Estádio Nacional!³⁵

No entanto, o agradecimento a Salazar mostra um tom muito mais eufórico e hiperbólico: 310

SALAZAR! Devemos-te a esperança! Devemos-te a paz! Devemos-te o presente!

Mas a partir de hoje a nossa dívida tornou-se ainda maior:

Devemos-te a certeza! Devemos-te a alegria! Devemos-te o futuro!

Em nome de todos nós! Em nome de todos aqueles que hão de vir depois de nós, mais fortes e mais saudáveis! Bem hajas, Salazar, por teres cumprido a tua promessa!

Obrigado pelos séculos fora! Obrigado para sempre!³⁶

O Estádio Nacional aparecia assim como uma das maiores realizações do Estado Novo até então e Salazar aparecia como seu idealizador e executor. Sua promessa feita onze anos antes era agora cumprida em pleno período de guerra, de que Portugal escapara devido a Salazar. Chegou-se mesmo a cogitar, por parte da imprensa e de alguns nomes ligados ao esporte, que o estádio recebesse o nome do presidente do Conselho de Ministros³⁷.

Para Ricardo Serrado (2008: 105), a inauguração do Estádio Nacional não pode ser enquadrada como um momento de utilização política do esporte, visto que “[n]ão era o futebol nem o desporto que estava a ser politizado, não eram os estádios, *stictu sensos*, eram sim todas as obras e a capacidade edificadora do regime”. No entanto, é inegável que a festa cívica gerada pela inauguração do estádio foi única dentro do período aqui analisado, se comparada a outras inaugurações de obras públicas. Vale lembrar que a inauguração do estádio estava originalmente planejada para ocorrer junto às Festas do Duplo Centenário³⁸, “um dos acontecimentos ‘culturais’, ou ideológico-culturais mais importantes do salazarismo”, tendo gerado um documentário produzido pela Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas (Torgal, 2000: 70).

A ligação entre o esporte, a paz e Salazar seria mais uma vez um elemento de propaganda dez meses após a inauguração do Estádio Nacional, com a realização do primeiro encontro entre as seleções de Portugal e Espanha no campo gramado do Estádio Nacional, no parque do Jamor.

No dia 11 de março de 1945, 50.000 exemplares de panfletos intitulados “O que queremos é futebol!” foram lançados sobre a multidão que lotava o estádio³⁹. O conteúdo apregoava as dificuldades enfrentadas pelo mundo durante a guerra, que se encaminhava para a sua conclusão, e ressaltava que em Portugal a paz reinava, dizendo ser possível contar “pelos dedos de uma só mão aqueles países em que se poderia gozar, num dia como êste, tão magnífico espetáculo como o que presenciamos neste momento no nosso Estádio Nacional” (Esteves, 1975: 152). O panfleto também apontava claramente aquele que era já visto como o maior antagonista do salazarismo, o comunismo soviético. Anos antes da participação soviética nas Olimpíadas⁴⁰ e na demonstração de sua força no campo desportivo, o panfleto atestava: “Quem ouviu falar de futebol na Rússia? De futebol ou de qualquer outro desporto, da existência de centros de diversões, de praias para descanso, de excursões? Ninguém!” (Esteves, 1975: 153). Os esportes eram, assim, um importante sinal da qualidade de vida em Portugal, sendo possível somente devido à paz para a qual Salazar os guiara, e em um regime de suposta liberdade (já próximos ao final da guerra, o discurso antidemocrático salazarista já mudava de tom de modo a se enquadrar junto ao lado vencedor), oposto ao comunismo soviético do qual Salazar os defendia. Como dizia o folheto, “afinal, o que nós queremos é futebol”.

Considerações Finais

311

Este artigo buscou demonstrar que o esporte foi utilizado de diferentes formas e através de diferentes meios por grupos ligados ao poder durante o período de consolidação do Estado Novo, como meio de produção de consenso. Ainda que não fizesse parte das preocupações ou da propaganda salazarista, a popularidade e o apelo que a prática desportiva detinham junto à população não passaram despercebidas pelos poderes públicos.

Atuando tanto como ferramenta de produção de consenso, como fator de evasão e distração do povo, especialmente através da Mocidade Portuguesa e da FNAT, a prática desportiva carregava o ideário de regeneração da “raça portuguesa”, de grande importância para a formação do novo homem, que marcaria a ascensão do Estado Novo e um futuro auspicioso para Portugal sob o novo regime.

Mesmo com o distanciamento de Salazar da prática, o esporte pôde ser observado em esporádicos momentos junto à propaganda nacional, como no caso da inauguração do Estádio Nacional. Sua edificação em tempos de guerra marcaram, não só a capacidade edificadora do regime, mas também sua ligação com os esportes e a qualidade de vida de seus cidadãos. O discurso produzido em torno do evento, da promessa cumprida de Salazar e de sua suposta ligação com o desporto, era utilizado tanto pelo regime, como pelo campo desportivo. A propaganda produzida atrelava o esporte ao Estado, sendo ela produzida por meios oficiais ou a partir da iniciativa de outros agentes, notavelmente os ligados ao campo desportivo.

(Recebido para publicação em março de 2013)

(Reapresentado em outubro de 2013)

(Aprovado para publicação em novembro de 2013)

Cite este artigo

DRUMOND, Maurício. Ao bem do desporto e da nação: relações entre esporte e política no Estado Novo português (1933-1945). **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF) e do Núcleo de Estudos em Teoria Política (UFRJ). Rio de Janeiro, nº 7, pp. 298 – 318, dezembro 2013. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>

Notas

1. Agradeço à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ – pela bolsa de estudos que me permitiu realizar esse trabalho.
2. Alberto Freitas, “Dezenas de milhares de portugueses envolveram a inauguração do Estádio Nacional numa atmosfera de apoteose à Cultura Física e ao Desporto”, *Os Sports*, 12 jun. 1944, pp.6-7.
3. António de Oliveira Salazar (1889-1970) foi o principal nome do Estado Novo português, ocupando a posição de Presidente do conselho de Ministros entre 1933 e 1968, assim como diversos ministérios neste mesmo período. Para maiores informações sobre Salazar, ver Filipe

Meneses (2011). Sobre o Estado Novo português e o Salazarismo, ver Torgal (2009).

312

4. *Os Sports* era um periódico trissemanal dirigido por Raul de Oliveira e pertencia à empresa proprietária do jornal *Diário de Notícias*, órgão oficioso da União Nacional. (Pinheiro, 2001: p.190; Esteves, 1975: p.150).

5. Salazar diria: “A mim próprio, pessoalmente estranho a todas as organizações do género [desportivo], mas forçado a seguir com atenção o que envolva interesse colectivo (...)” (Salazar, 1935: 268).

6. Nenhum regime autoritário consegue se manter no poder por um longo período exclusivamente pelo uso da coerção. Ela está sempre articulada com a produção de consenso – a hegemonia, em termos gramscianos – ainda que o equilíbrio entre os dois fatores se diferenciem de caso a caso e ao longo do tempo. Sobre a produção de consenso e ditaduras, ver a obra organizada por Rollemberg e Quadrat (2010).

7. Utilizo aqui a periodização do Estado Novo português sugerida por Manuel Braga da Cruz (1988). De acordo com o autor, o Estado Novo português pode ser considerado como dividido em cinco momentos distintos. O primeiro (1926-1933) seria o da Ditadura Militar, do golpe de 1926 à instauração constitucional do Estado Novo. O segundo momento (1933-1945) seria o de Construção do Estado Novo, da instauração do regime ao fim da Segunda Guerra Mundial. Já o terceiro (1945-1961) seria marcado pela diversificação do regime. O quarto período (1961-1968), teria como uma de suas marcas principais o endurecimento causado pela guerra colonial. Por fim, o último período (1968-1974) seria marcado pelo governo de Marcello Caetano, tendo fim com a derrubada do regime, após a Revolução dos Cravos.

8. Salazar Carreira foi um dos nomes mais influentes do campo desportivo em Portugal durante o Estado Novo, sendo ligado ao Comitê Olímpico Português em 1923 e mais tarde à Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. Foi também jornalista desportivo atuante e dirigente ligado ao Sporting CP.

9. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Arquivo Oliveira Salazar, AOS/CO/ED-1D, ff. 347-366.

10. Os Campeonatos Universitários foram realizados em 1942 e 1945, dentro do período aqui analisado. Os campeonatos de 1943 e 1944, apesar de terem sido planejados, não foram realizados devido à falta de estrutura dos Centros Universitários da Mocidade Portuguesa. Ver Mocidade Portuguesa – Centro Universitário do Pôrto (1942, 1943, 1944) e Mocidade Portuguesa (1945).

11. *Jeunesse et sport* apresenta em Lisboa 46 desportistas que vão defrontar-se com os atletas da ‘Mocidade Portuguesa’ em provas de *basket*, esgrima, natação e atletismo”, *Os Sports*, 27 mai. 1942, pp.1-2.

12. A falta de estudos e de fontes acessíveis sobre este tema não nos permite afirmar até que ponto António Ferro era um presidente ativo da

federação, ou se sua nomeação foi uma forma de aproximação da mesma com os poderes públicos. Sua gestão, no entanto, não parece ter tido grande relevo dentro da entidade.

313

13. António Ferro, “Uma grande vitoria dos portugueses em Amsterdão”, *Diário de Notícias*, 02 jun. 1928, p.1.

14. Ibid.

15. Ibid.

16. Para uma visão crítica sobre a importância do futebol e dos três “efes” na propaganda salazarista, ver Serrado (2008).

17. “O Chefe do Estado presidiu ontem á secção inaugural do Congresso de Clubs Desportivos”, *Diário de Notícias*, 27 nov. 1933, p.1.

18. Decreto-Lei n. 32.241, de 5 de setembro de 1942. *Diário do Governo*, 5 set. 1942, p. 1135.

19. De acordo com o §5º do artº. 7º do Decreto-Lei n. 32.241, a DGEFDSE deveria “superintender em todas as atividades desportivas que não estejam directamente subordinadas à Mocidade Portuguesa e à Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho ou que não tenham carácter estritamente escolar”. Decreto-Lei n. 32.241, de 5 de setembro de 1942. *Diário do Governo*, 5 set. 1942, p.1137.

20. “A educação física dos atletas prevalece sobre a sua actividade desportiva e passa a ser um dos principais objectivos da Direcção Geral de Desportos”, *Os Sports*, 16 nov. 1942, p.1.

21. Os números oficiais estimavam que 4.000 pessoas fizessem parte da parada. “O sr. dr. Oliveira Salazar tomou ontem conhecimento dos votos do I Congresso de Clubs Desportivos e prometeu a construção dum Estádio Nacional”, *Diário de Notícias*, 04 dez. 1933, p.1.

22. “O sr. dr. Oliveira Salazar tomou ontem conhecimento dos votos do I Congresso de Clubs Desportivos e prometeu a construção dum Estádio Nacional”, *Diário de Notícias*, 04 dez. 1933, p.1.

23. O concurso de projetos para o estádio foi aberto em portaria datada de 01 de março de 1934. Prevvia-se a inauguração do Estádio Nacional como parte das festas do duplo centenário de 1940, o que pode ser visto como um indicador da importância simbólica do estádio e do desporto no período. No entanto, devido ao início da Segunda Guerra Mundial e à dificuldade financeira e de obtenção de materiais de construção provenientes da mesma, as obras iniciadas em 1938 se estenderam até o ano de 1944 (Andersen, 2007; Correia, 2006; Pereira, 2007).

24. Ver, por exemplo, “Promessa que se cumpre: o Estádio Nacional vai ser construído com rapidez, de modo que a sua inauguração coincida com as festas comemorativas do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal”, *Os Sports*, 08 abr. 1938, p.1.

25. “Uma realização monumental – promessa cumprida: a propósito da inauguração do estádio e do movimento em favor da cultura física”. *Diário de Notícias*, 09 jun. 1944, pp.1-2. Na realidade, apesar de o artigo

proclamar a execução exclusivamente nacional do estádio, uma prática discursiva que visava realçar o caráter nacionalista que o desporto mobilizava, deve-se ressaltar que o projeto do estádio teve grande contribuição de arquitetos alemães como Konrad Wiesner, assistente de Heinrich Wiepking, que havia trabalhado no projeto do Estádio Olímpico de Berlim e que trabalhava no projeto do estádio de Nuremberg, que não chegou a ser concluído (Pereira, 2007: 74). Carl Diem, um dos principais organizadores das Olimpíadas de Berlim de 1936, também teria dado conselhos ao projeto (Andersen, 2007: 14).

314

26. O evento contou também com transportes cedidos pelas forças armadas e outros órgãos públicos. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Fundo SNI, cx. 5240.

27. Grémio dos Industriais de Transportes em Automóveis (1944), Boletim: número especial dedicado à inauguração do Estádio Nacional, Porto, Lit. Nacional. Os números aqui apresentados se referem ao transporte tanto antes como depois do evento. Ou seja, quem utilizou a condução tanto para ir como para voltar do evento foi considerado duas vezes no montante final.

28. Vale ressaltar que a população do concelho de Lisboa, de acordo com o censo de 1940, era de 702.409 pessoas. Ou seja, o equivalente a aproximadamente 10% da população de Lisboa estava no evento, considerando-se o público e os atletas envolvidos. "Um acontecimento memorável: a inauguração do estádio constituiu uma grande afirmação nacional de optimismo, disciplina e beleza". Diário de Notícias, 11 jun. 1944, p.1; VIII Recenseamento Geral da População (em 12 de dezembro de 1940): resultados provisórios nos distritos, conselhos e freguesias do continente e ilhas relativos ao número de famílias e à população presente por sexos, Lisboa, Imprensa Nacional, 1942, p.36.

29. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Fundo SNI, cx. 5240.

30. "Inaugura-se esta tarde o estádio Nacional", Diário de Notícias, 10 jun. 1944, pp.1-2.

31. "Estádio Nacional", Diário da Manhã, 09 jun. 1944, p.6.

32. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa. Fundo SNI, cx. 5240.

33. "Palavras de António Ferro na reportagem radiofónica do Estádio", Diário da Manhã, 11 jun. 1944, p.6.

34. "Um acontecimento memorável: a inauguração do estádio constituiu uma grande afirmação nacional de optimismo, disciplina e beleza", Diário de Notícias, 11 jun. 1944, pp.1 e 4.

35. "A saudação dos desportistas aos Chefes do Estado e do Governo", Diário de Notícias, 11 jun. 1944, p.1.

36. "A saudação dos desportistas aos Chefes do Estado e do Governo", Diário de Notícias, 11 jun. 1944, p.1.

37. Cf. "Estadio Nacional... Estadio Salazar!", *Os Sports*, 31 mai. 1944, p. 8. Ver também a declaração de Higinio de Queiroz, presidente da FNAT: "os trabalhadores portugueses que praticam desportos me acompanham

no voto de que a partir de hoje o Estádio Nacional se passe a chamar «Estádio Salazar». “O que significa a construção do Estádio Nacional”, *Diário da Manhã*, 10 jun. 1944, p.4.

315

38. Os festejos do Duplo Centenário foram organizados em Portugal no ano de 1940, celebrando os centenários da Fundação e da Restauração de Portugal (1140 e 1640, respectivamente). Em meio à Segunda Guerra Mundial, que já se alastrava pela Europa, as festas do Duplo Centenário marcaram a maior ode à identidade portuguesa, com a realização de grandes obras e culminando na Exposição do Mundo Português, que celebrava Portugal e suas colônias e ex-colônias pelo mundo.

39. Um fac-símile do folheto foi publicada em Esteves (1975: 152-153).

40. Desde a Revolução de 1917, o desporto soviético mantivera-se afastado do que definiam como “desporto burguês. A partir de 1934 tais encontros voltam a ocorrer, ainda que de forma bastante limitada. Foi apenas a partir das olimpíadas de 1952, em Helsinque, que a União Soviética passou a enfrentar os países capitalistas, aparecendo, assim, como uma das maiores potências do desporto mundial. Para mais informações sobre o desporto na União Soviética, ver Jesus (2010).

Bibliografia

AJA, Teresa Gonzalez. *Spanish sports in republican and Fascist Spain*. In: ARNAUD, Pierre; RIORDAN, James (orgs.). *Sport and international politics: the impact of fascism and communism on sport*. Londres: Taylor & Francis, 1998, p.97-113.

_____. *La política deportiva em Espanha durante la República y el Franquismo*. In: _____. (org). *Sport y autoritarismos: la utilización del deporte por el comunismo y el fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2002, p. 169-201.

ANDERSEN, Teresa. *O Estádio Nacional – a sua génese e a sua construção*. In: ANDERSEN, Teresa et al. *O Estádio Nacional: um paradigma da arquitectura do desporto e do lazer*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007, p. 10-25.

ARNAUD, Pierre. El deporte francés frente a los regímenes autoritarios (1919-1939). In: AJA, Teresa (org.). *Sport y autoritarismos: la utilización del deporte por el comunismo y el fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2002, p. 203-239.

CARR, Raymond; FUSI, Juan Pablo. *España, de la dictadura a la democracia*. Barcelona: Editorial Planeta, 1979.

CARREIRA, José Salazar. *A missão educativa do desporto*. Separata do *Boletim da Direcção Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar*. Lisboa: [s.n.], 1948.

CORREIA, Fernando. *Estádio Nacional 62 anos depois*. Lisboa: Setecaminhos, 2006.

CRUZ, Manuel Braga. *O partido e o Estado no salazarismo*. Lisboa: Presença, 1988.

DOMINGOS, Nuno. *O futebol e o trabalho*. In: NEVES, João; DOMINGOS, Nuno (orgs.). *A época do futebol: o jogo visto pelas ciências sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, p. 305-327. 316

ESTEVES, José. *O desporto e as estruturas sociais*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1975.

FERREIRA, A. Durão. *Organização da «Mocidade Portuguesa»*. In: 1ª *Reunião dos dirigentes da «Mocidade Portuguesa» realizada em Lisboa de 21 a 23 de outubro de 1937*. Lisboa: Edição da M.P, 1938.

FRADE, Alvaro. *Amadores e profissionais – um depoimento despretenhoso no caminho das soluções: palestra feita no Sport Alges e Dafundo, em 30 de junho de 1942 – sétima da série «amadores de desporto e profissionais» patrocinada pelo «Comité» Olímpico Português*. [s.l.], [s.n.], 1942.

FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO. *Regulamento do Campeonato Nacional de “Ping-Pong”*. Lisboa: Casa Portuguesa, 1942.

_____. *Dez anos de alegria no trabalho*. [s.l.], [s.n.], 1945.

_____. *I Relatório Anual do II Pelouro 1947-1948*. [s.l.], [s.n.], 1949.

GRAZIA, Victoria de. *The culture of consent: mass organization of leisure in Fascist Italy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HOLT, Richard. *El Ministerio de Assuntos Exteriores y la Asociación de Fútbol: deporte británico y apaciguamiento (1935-1938)*. In: AJA, Teresa (org.). *Sport y autoritarismos: la utilización del deporte por el comunismo y el fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2002, p. 79-102.

JESUS, Diego. *Foices e martelos no olimpo: a política esportiva da União Soviética e as relações com o mundo capitalista*. Recorde: Revista de História do Esporte, v.3, n.2, 2010. Disponível em: «[http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV3N2_2010_11 .pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/recorde/pdf/recordeV3N2_2010_11.pdf)». Acesso em 01 dez. 2012.

KRUGER, Arnd. *The role of sport in German international politics (1918-1945)*. In: ARNAUD, Pierre; RIORDAN, James (orgs.). *Sport and international politics: the impact of fascism and communism on sport*. Oxon: Taylor & Francis, 1998, p. 79-96.

KRUGER, Arnd. *El papel del deporte en la política internacional alemana (1918-1945)*. In: AJA, Teresa (org.). *Sport y autoritarismos: la utilización del deporte por el comunismo y el fascismo*. Madrid: Alianza Editorial, 2002, p.123-149.

MENESES, Filipe Ribeiro de. *Salazar: biografia definitiva*. São Paulo: Leya, 2011.

MOCIDADE PORTUGUESA. *1ª Reunião dos dirigentes da «Mocidade Portuguesa» realizada em Lisboa de 21 a 23 de outubro de 1937*. Lisboa: Edição da M.P., 1938.

_____. *Desporto Universitário: campeonatos nacionais de 1945*. [s.l.], [s.n.], 1945.

MOCIDADE PORTUGUESA – CENTRO UNIVERSITÁRIO DO PÔRTO. 317

A actividade de Secção de Educação Física e Desportos no ano lectivo 1941-1942. Porto: Tipografia Mendonça, 1942.

_____. *A actividade de Secção de Educação Física e Desportos no ano lectivo 1942-1943.* Porto: Imprensa Portuguesa, 1943.

_____. *A actividade de Secção de Educação Física e Desportos no ano lectivo 1943-1944.* Porto: Imprensa Portuguesa, 1944.

MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA. *Mocidade Portuguesa Feminina: organização de atividades.* Lisboa: Secretariado de Propaganda Nacional, s.d..

PAULO, Heloisa. *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil: o SPN/SNI e o DIP.* Coimbra: Livraria Minerva, 1994.

PEREIRA, Jorge Paulino. O Estádio Nacional: projecto e construção. In: ANDERSEN, Teresa et al.. *O Estádio Nacional: um paradigma da arquitectura do desporto e do lazer.* Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 2007, p. 60-89.

PINHEIRO, Francisco. *História da imprensa desportiva em Portugal.* Porto: Edições Afrontamento, 2011.

RAMOS DO Ó, Jorge. *Salazarismo e cultura.* In: ROSAS, Fernando (org.). *Portugal e o Estado Novo (1930-1960).* Coleção Nova História de Portugal, v. XII. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 391-454.

_____. *Os anos de Ferro: o dispositivo cultural durante a “política do espírito” – 1933-1949: ideologia, instituições, agentes e práticas.* Lisboa: Editorial Estampa, 1999.

RIBEIRO, Maria Conceição. *Polícias políticas.* In: ROSAS, Fernando; BRITO, J. M. Brandão de (orgs.). *Dicionário de história do Estado Novo.* v.2. Lisboa: Bertrand Editora, 1996, p. 747-749.

ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX.* Volume I: Europa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SALAZAR, Oliveira. *Discursos: 1928-1934.* Coimbra: Coimbra Editora, 1935.

SERRADO, Ricardo. *O futebol como veículo da propaganda do Estado Novo (?).* Lisboa: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa, 2008.

SERRADO, Ricardo; SERRA, Pedro. *História do futebol português – volume I: das origens ao 25 de abril.* Lisboa: Prime Books, 2010.

TEJA, Angela. *Italian sport and international relations under fascism.* In: ARNAUD, Pierre; RIORDAN, James (orgs.). *Sport and international politics: the impact of fascism and communism on sport.* Oxon: Taylor & Francis, 1998, p. 147-170.

TEJA, Angela. *Deporte y relaciones internacionales durante el fascismo em Italia.* In: AJA, Teresa (org.). *Sport y autoritarismos: la utilización del*

deporte por el comunismo y el fascismo. Madrid: Alianza Editorial, 2002, p. 241-280.

318

TORGAL, Luís Reis. *Propaganda, ideologia e cinema no Estado Novo*. In: ____ (org.). *O cinema sob o olhar de Salazar*. Coimbra: Círculo de Leitores, 2000.

____. *Estados novos Estado novo: ensaios de história política e cultural*. 2 ed. 2V. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VALENTE, José Carlos. *Estado Novo e alegria no trabalho: uma história política da FNAT (1935-1958)*. Lisboa: Edições Colibri, INATEL, 1999.

VAZ, Alexandre. *Teoria crítica do esporte: origens, polémica, atualidade*. *Esporte e Sociedade*, n.1, 2006. Disponível em: «<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es102.pdf>». Acesso em 10 out. 2013.

VIEIRA, Joaquim. *Mocidade Portuguesa*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2008.

VIEIRA, Raul. *A difusão do desporto: meios eficientes para obtê-la em todo o país*. Lisboa: [s.n.], 1934.